



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FORMAÇÃO INTERCULTURAL PARA EDUCADORES INDÍGENAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FAE

FaE
Faculdade de Educação

**JUVENTUDE XAKRIABÁ: PROTAGONISMO LUTA E RESILIÊNCIA
UM PÉ NA ALDEIA, UM PÉ NO MUNDO**

Daiane Gomes Santana

BELO HORIZONTE

2020

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS /UFMG
FORMAÇÃO INTERCULTURAL PARA EDUCADORES INDÍGENAS/ FIEI
FACULDADE DE EDUCAÇÃO/ FAE

**JUVENTUDE XAKRIABÁ: PROTAGONISMO LUTA E RESILIÊNCIA UM PÉ NA
ALDEIA, UM PÉ NO MUNDO**

Daiane Gomes Santana

Percurso Acadêmico apresentado ao Curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (FIEI/FAE/UFMG) como requisito parcial para Obtenção do grau de licenciado em 'Línguas, Artes e Literatura'.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Maria Rabelo Gomes

Co-orientadora: Profa. Dra. Suzana Alves Escobar

BELO HORIZONTE
2020

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por me permitir trilhar essa longa caminhada preenchendo os meus caminhos de luz e sabedoria para chegar até aqui. Agradeço especial a todos meus familiares que sempre me deram apoio e forças para seguir minha jornada, aos meus pais Joaquim e Justina *in memoriam*, aos meus irmãos Darlene, Franciel e Jean Carlos.

Agradeço imensamente às minhas filhas Ynaiá e Moara por terem suportado a minha ausência, ao meu companheiro Pedro Henrique pelo apoio e companheirismo.

Aos caciques e lideranças pelo apoio, e principalmente pelo aprendizado que faz parte da minha trajetória de vida.

Agradeço fielmente a todos os meus entrevistados pelo compartilhamento de cada palavra sábia e pelo incentivo durante a pesquisa. A todos aqueles que de certa forma contribuíram para minha formação direta ou indiretamente.

À minha orientadora Prof.^a Ana Gomes pelo suporte e orientações e incentivo e à coorientadora Suzana Escobar, que esteve me acompanhando mais de perto, abriu as portas da sua casa para que pudesse expor minhas dúvidas e dificuldades; tenho certeza que me senti acolhida e suas palavras me serviram de inspiração e me fizeram correr pelos caminhos da pesquisa com novo olhar de uma jovem pesquisadora.

Agradeço a todos os colegas de curso em especial a turma LAL que deixará marcas de boa convivência e saudades, a coordenadora da turma Maria Gorete Neto pela seriedade, competência e acolhimento.

À UFMG, o seu corpo docente, a direção e a administração que oportunizaram a janela que hoje vislumbro um novo horizonte superior, pela centrada confiança nos méritos e ética aqui presente.

RESUMO

Este trabalho tem como proposta estudar a formação dos jovens Xakriabá que estão se preparando para os embates de luta, em busca dos Direitos indígenas e pela garantia de sobrevivência nas aldeias em tempos de luta e resistência, com o pé na aldeia e um pé no mundo. Busquei trazer também o conhecimento cultural e o conhecimento da escrita como estratégias e ferramentas de luta. A juventude Xakriabá vem se apropriando de ambos os conhecimentos, somando cada vez mais com os caciques e lideranças para de fato efetivar os Direitos que são garantidos na Constituição Federal de 1988, assim vão plantando sementes de luta para que mais adiante os frutos possam ser colhidos.

PALAVRAS-CHAVE: Juventude Xakriabá; Luta; Resistência e Direitos.

LISTA DE SIGLAS

TIX	Terra Indígena Xakriabá
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFG	Universidade Federal de Goiás
UFBA	Universidade Federal da Bahia
FIEI	Formação Intercultural para Educadores Indígenas
LAL	Línguas, Artes e Literatura
CVN	Ciências da Vida e da Natureza
CSH	Ciências Sociais e Humanidades
CAA	Centro de Agricultura Alternativa do Norte de Minas Gerais
REJUIND:	Rede de Juventude Indígena
ATL:	Acampamento Terra Livre
PNAIC	Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa
CIMI	Conselho Indígena Missionário

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa do Território Xakriabá.....	14
Figura 2 - Juvana Sawídi.....	18
Figura 3 - Edgar Kanaykõ Xakriabá	20
Figura 4 - Foto Jucirema Xakriabá	21
Figura 5 - Foto Tiago Pereira	22
Figura 6 - Foto Olímpio Antônio	24
Figura 7 - Grupo de Jovens Xakriabá,	29
Figura 8 - Foto Juventude Xakriabá,	30
Figura 9 - Foto Jovens Xakriabá,	31
Figura 10 - Desenho jovem Xakriabá usando o celular.....	35
Figura 11 - Mapa da dinâmica local da juventude	37
Figura 12 - Foto Jovens Xakriabá na escola,	44
Figura 13 - Povo Xakriabá, Noite cultural	49
Figura 14 - Foto jovens Xakriabá	53
Figura 15 - Desenho jovens Xakriabá usando os adereços,	54
Figura 16 - Jovens Xakriabá Monitoramento do Território.....	56
Figura 17 - Desenho jovens fazendo o uso da máscara,	57

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Alunos que concluíram o Ensino Fundamental 9ºano.....	41
Tabela 2 - Alunos que concluíram o Ensino Médio 3º ano	42
Tabela 3 - Alunos que concluíram o ensino fundamental 8ª série/ 9º ano	42
Tabela 4 - Alunos que concluíram o ensino médio.....	42

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
AS ENTREVISTAS EM SEUS CONTEXTOS	18
1.1. Sobre entrevista com Juvana Sawídi Xakriabá	18
1.2. Sobre a entrevista com Edgar Correa Kanaykõ Xakriabá.....	20
1.3. Sobre a entrevista com Jucirema (Conhecida como Jhú).....	21
1.4. Sobre a entrevista com Tiago Pereira (Conhecido como Peú).....	22
1.5. Sobre entrevista com o senhor Olímpio Antônio (Conhecido como Negão da Lagoa)	24
2. JUVENTUDE INDÍGENA.....	26
2.1. Conceito geral de juventude	26
2.2. Juventude indígena Xakriabá	27
2.3. Juventude na luta	30
2.4. O povo Xakriabá e o uso da tecnologia	35
3. JUVENTUDE E ESCOLARIZAÇÃO	39
3.1. Condições econômicas do povo Xakriabá	45
4. O PRIMEIRO ENCONTRO DA JUVENTUDE XAKRIABÁ.....	49
4.1. Percepção para o segundo encontro da juventude	55
4.2. Monitoramento Comunitário do Território Xakriabá	56
CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	58

INTRODUÇÃO

Quem eu sou

Meu nome é Daiane Gomes Santana nasci no ano de 1992 na Aldeia Santa Cruz território Indígena Xakriabá, localizado no município de São João das Missões no Norte de Minas Gerais. Passei toda minha infância na aldeia e fui privilegiada por poder conviver com meus pais, conhecendo os trabalhos da roça e o respeito pela terra, pude estudar desde o primário até ensino médio nas escolas indígenas do Território Xakriabá.

Na escola as matérias que sempre gostei foram: história e português. Eu adorava ouvir histórias de vida contadas pela minha tia, sempre preferi ouvir do que falar em certos momentos, a minha avó me ensinou que ouvir faz parte do processo de aprendizagem, primeiro você ouve e aprende depois você fala, e com esse costume cresci, pareço tímida, mas é o meu jeito de ser.

Carrego comigo o respeito e admiração do trabalho dos caciques, dos mais velhos, dos pajés e dos raizeiros. Desde os meus dezesseis anos comecei a participar das reuniões, das assembleias e das noites culturais. Sou membro do grupo de jovens e juntamente com os mais velhos na minha comunidade. Nas atividades coletivas, são fortalecidos os cantos, as brincadeiras, os contos, as rezas, as rimas e os versos que são tradição entre os Xakriabá.

Meu trabalho

Em 2013, fui escolhida pela liderança e pela comunidade para atuar como professora nos anos iniciais na escola da Aldeia Santa Cruz, a partir de então pude participar de várias capacitações e aprendizagens através do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC) e do projeto Saberes Indígenas na Escola, do qual eu não posso esquecer por ter me proporcionado aprendizados incríveis. Neste projeto vários materiais foram criados e publicados para serem utilizado nas escolas indígenas.

No ano de 2015 aconteceu o primeiro magistério no território Xakriabá, cerca de 80 alunos de várias aldeias puderam realizar o sonho de concluir o magistério no território, inclusive eu, sendo este um marco importante na minha vida e de todo povo Xakriabá. No ano de 2016 prestei o vestibular específico para professores

indígenas ofertados pela UFMG, e graças a Deus consegui ingressar no FIEI, na área de Línguas Artes e Literatura, campo que me despertou o interesse em pesquisar e registrar momentos de aprendizagem e conhecimentos.

No FIEI, interesse pela juventude

No ensino médio aprendi um pouco sobre os direitos indígenas e a partir de então comecei a me interessar em participar das discussões sobre os direitos. Fui algumas vezes à Brasília participar das manifestações de luta em defesa dos Direitos Indígenas. Sempre me interessei pelo estudo, e quando cheguei ao FIEI logo de início já ouvi falar em percurso, fiquei ansiosa para ver as apresentações da turma que iria defender os seus percursos. Em sala de aula os professores sempre comentavam: vocês que ingressaram agora no FIEI tem que já ir pensando no percurso de vocês, pois quanto mais cedo começarem a escrever melhor, eu ficava pensativa, mas como é isso?

Acabei de ingressar no curso já ouço falar em percurso final, aos poucos entendi que esse percurso é também chamado de TCC, uma pesquisa onde eu teria que desenvolver um tema e pesquisar em cima disto, a partir daí comecei a procurar informações sobre quais temas já tinham sido pesquisados, fazia buscas, mas não encontrava um tema do meu interesse que nunca havia sido investigado. Logo que pensei em falar sobre o calendário dos dias santos, apareceu um livro publicado que tratava do assunto. Nesse momento eu já tinha uma orientação definida e durante as conversas com a minha orientadora surgiu à ideia de pesquisar sobre a juventude Xacriabá.

O início foi desafiador, pois as fontes de material de referência publicado sobre juventude indígena eram escassas. Por este motivo segui a linha de entrevistas, no contexto da minha pesquisa, elas foram realizadas com os jovens Xakriabá, algumas pessoas mais velhas e os, além de conversas informais que aconteceram no dia a dia da comunidade.

A cada orientação meu interesse em saber mais sobre o que é ser jovem Xakriabá me motivava a investigar e redescobrir a juventude. No decorrer da pesquisa aprendi a trilhar os meus caminhos como pesquisadora e a refletir sobre a importância de registrar cada novo aprendizado.

Justificativa

Através das pesquisas e rodas de conversas com os mais velhos, juntamente com a juventude Xakriabá, pude registrar como se deu a formação dos jovens na articulação e busca por direitos, e de como eles expressam suas ideias e expectativas para o futuro. Contudo espero que este estudo possa mobilizar e inspirar outros jovens a olhar e pensar com um pé na aldeia e um pé no mundo.

Objetivo

Mostrar a luta e o protagonismo da juventude Xakriabá e compreender esse processo de formação e transição dos jovens, e o compromisso que eles assumem perante o seu povo. Destacar a forte presença e o incentivo dos mais velhos, caciques e lideranças que sempre estiveram presentes nos movimentos e articulações em defesa dos Direitos Indígenas e hoje preparam essa juventude ativa e participava que vem conquistando espaço nos campos de luta dentro e fora dos territórios. Além disso:

- Descrever os diferentes tipos de mobilização e articulação da juventude;
- Registrar os depoimentos dos jovens sobre a perspectiva para o futuro;
- Analisar a situação social e econômica da juventude;

Metodologia

Como metodologia, optei por realizar rodas de conversas, conversas informais e entrevistas, com a juventude Xakriabá e também com pessoas mais velhas, registrando os diferentes modos como o povo Xakriabá se articula dentro e fora do território. Busquei também fontes de informações como: jornais, revistas, documentos, artigos, fotos e desenhos para explicitar o papel da juventude nos dias atuais.

A organização das partes do percurso

Este trabalho está dividido em partes, primeiro falo um pouquinho sobre minha vida e algumas coisas marcantes que me aconteceram em seguida falo da experiência vivenciada durante a trajetória de pesquisa, descrevo a localização do

povo Xakriabá e empreitada de luta em defesa do território. Abordo a juventude no contexto geral e também a concepção de juventude indígena e juventude Xakriabá, protagonismo e os caminhos percorridos na luta. Destaco a concepção de juventude indígena Xakriabá, antigamente, nela os jovens eram denominados de novatos pelos mais velhos, e até hoje continuam sendo chamados de novatos. Para esses “novatos” o termo utilizado é jovem, a circulação de informações traz grande representatividade para a juventude.

Logo após apresento o processo de escolarização e apropriação da escrita como ferramenta de luta explicitando como se deu a criação da escrita e os benefícios e os desafios encontrados para percorrer caminhos até a escola chegar ao Território Indígena Xakriabá, e de como essa apropriação vem sendo utilizada como instrumento para fortalecer e facilitar a comunicação e compreensão na batalha incansável da luta Indígena.

Como os jovens estão conquistando o espaço acadêmico nas universidades, apresento também as condições financeiras e o desafio de se manter no território, diante de um aumento significativo da população, a escassez de água e um território cada vez mais apertado.

Por fim trago de forma inédita o primeiro Encontro da Juventude Xakriabá realizado no território, reunindo o maior número de jovens em todos os tempos, discutindo temáticas sobre terra/território, identidade e memória, reafirmando a conexão com a ancestralidade e o respeito aos pilares de resistência. Buscando novos projetos para o futuro e novos mecanismos e estratégias de luta. Abordo também a expectativa para a realização do Segundo Encontro da Juventude que aconteceria em 2019 dando continuidade e assim sucessivamente.

Com a pandemia do covid-19 neste ano, os caciques e lideranças, juntamente com os jovens se organizaram e para fazer o Monitoramento do Território para colaborar na prevenção e combate ao coronavírus.

Caminhos percorridos pelo povo Xakriabá e por mim na realização deste trabalho

O território Xakriabá está localizado no município de São João das Missões Norte de Minas Gerais, possui aproximadamente 53 mil hectares e 36 aldeias, cerca de doze mil índios. Algumas aldeias fazem limites com alguns municípios, Manga, Miravânia, Montalvânia, Januária e Itacarambi.

Antigamente os Xakriabá habitavam vários lugares em Minas Gerais, como a margem esquerda e a margem direita do Rio São Francisco na região onde está o município de Matias Cardoso, nas Cavernas do Peruaçu entre outros lugares. No decorrer do tempo com a chegada dos invasores, vários conflitos aconteceram, a luta pela terra se intensificou em 1987 e culminou em uma chacina onde foram mortas várias pessoas, entre elas o cacique Rosalino Gomes De Oliveira, só após esse conflito sangrento a terra foi demarcada. Durante a invasão, os xakriabá tiveram várias perdas além das terras, pois foram proibidos de falar sua língua materna. A língua Xakriabá pertence o tronco linguístico JÊ AKWEN e nos dias atuais há um movimento de resgate da língua e de fortalecendo das práticas culturais.

O território está localizado numa região muito seca e o povo sente a ausência de ter um rio, e isso vem incomodando. A cada ano a água tem diminuído e a situação está ficando crítica, os poços artesianos não estão sendo suficiente para atender as comunidades, já houve momentos em que várias famílias ficaram sem água, as mães chorava por não ter água para cozinhar alimentos para os filhos. A solução que encontrada para minimizar a falta de água era recorrer os poços d'água nas grotas ou cacimbas (buraco cavado no chão para retirar água). Apesar da água das cacimbas ser imprópria para o consumo, ela vem sendo utilizada frequentemente e a situação está lamentável.

O território possui várias características com maior predominância de tabuleiros ou gerais, onde se encontra frutos como: o pequi, a cabeça de negro, o coquinho, os remédios tradicionais, o barbatimão, o pakari entre outros, o carrasco e matas onde se planta o feijão catador, mandioca, encontram-se madeiras, e também algumas caças como: o tatu, a codorna, o lambu e o teiú. Há também as vazantes, conhecidas como beira de riacho onde planta o milho, o feijão, a banana, a batata e a cana de açúcar.

Com base no levantamento realizado pela Fundação nacional do índio (FUNASA) em 2013, juntamente com as lideranças Xakriabá concluíram que dos 54 mil hectares atualmente reconhecidos como parte do território, 20% são compostos área de preservação e extrativismo, 20% são locais de moradia e apenas 20% utilizados para a sobrevivência que hoje está se tornando mais difícil de comportar a cultura e a tradição do povo Xakriabá, em consequência de ter sido intensamente explorado pelos grandes fazendeiros antes da demarcação.

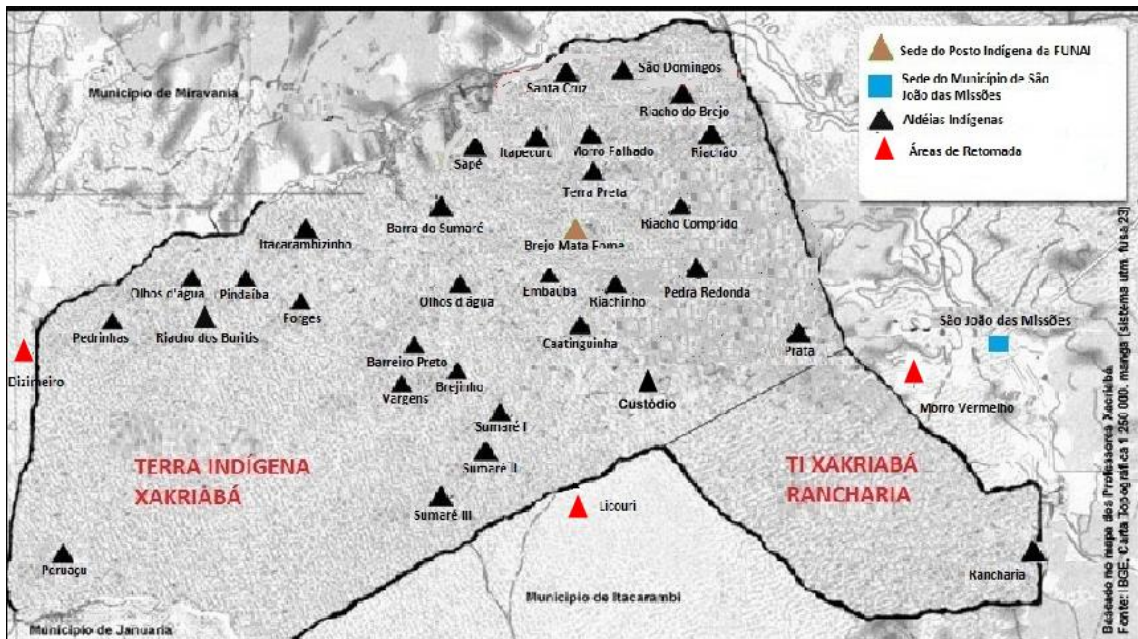


Figura 1 - Mapa do Território Xakriabá, fonte: tese Suzana Alves Escobar (2020).

A luta e a organização do povo Xakriabá

Dentro do Território Xakriabá há uma organização externa e interna de caciques e lideranças que há muitos anos vem lutando pela garantia de Direitos; O povo Xakriabá sempre teve boa convivência entre si, em todos os momentos a união prevalece muito forte, sempre de mãos dadas em q qualquer momento, tanto nos mais difíceis, na luta, quanto nos momentos de compartilhar alegrias.

O Xakriabá mantém o costume de fazer mutirão ou ajuntamento para ajudar uns aos outros, nos trabalhos na roça, na plantação, na colheita e no compartilhamento de alimentos, se uma família matasse um tatu, por exemplo, era compartilhado com todos os vizinhos. Esse laço de união vem desde o tempo dos antigos e é passado de geração em geração.

O ajuntamento é feito por um grupo menor de pessoas pertencentes à mesma família para fazer os trabalhos da roça, a colheita da mandioca, o preparo da farinha dentre outras atividades.

O mutirão é feito por grupos de pessoas de todas as comunidades que se dispõe tanto para os trabalhos da roça, como para ir à luta durante as retomadas no território.

A resistência e a luta das mulheres indígenas Xakriabá

Entre 1980 a 1987, os mais velhos afirmam que as mulheres participaram da luta pela demarcação das terras, enquanto os homens se reuniam para traçar planos e discutir as estratégias de luta contra os fazendeiros, as mulheres por sua vez saíam de casa com as crianças e ficavam escondidas nas matas e morros, cuidando das crianças. O problema de ficarem isoladas era a falta de água, elas tinham que pegar água no riacho ou lagoas e isso era perigoso porque corriam o risco de encontrar algum fazendeiro que poderia fazer algum mal a elas.

Em uma conversa informal, dona Joelina relata que certo dia ela estava com seus 07 filhos escondidos no morro (caverna) na aldeia Santa Cruz e não tinha água e seus filhos com fome. Ela teve que ir buscar água num poço próximo à fazenda do seu Amaro, um dos grandes fazendeiros. Quando pegou a sua lata e encheu de água, de repente vem um homem na carreira, na direção dela. Então ela, com a lata de água na cabeça, começou a correr e água foi derramando tudo. Até que já não aguentava mais correr, resolveu parar e o homem se aproximou. Era seu Ernesto que estava vindo passar um aviso para que não voltasse para casa naquele dia porque os fazendeiros iriam atacar.

Em sua fala afirma que o medo era tanto que se enxergasse alguém de longe, já começava a correr, pois talvez pudesse ser algum jagunço a mando de fazendeiros que fosse atacar.

A luta permanece intensa para todo povo Xakriabá, na retomada mais recente nas Caraíbas Várzea Grande, as mulheres somaram suas forças durante todo o processo, marcando presença nos momentos culturais durante vários dias até que o relatório foi aprovado e o povo Xakriabá teve suas terras de volta.

Nos dias atuais as mulheres indígenas estão se empoderando cada vez mais e demarcando novos espaços.

Entre os dias nove e quatorze de agosto de 2019 aconteceu um marco histórico na vida das mulheres indígenas do mundo todo, a primeira marcha das mulheres Indígenas em Brasília com o tema, "Território: nosso corpo, nosso espírito",. A presença das mulheres Xakriabá foi marcante, aproximadamente oitenta mulheres estiveram presentes unificando a luta pelo bem comum, a defesa da terra e o direito de viver. Elas cantavam em um só grito durante a caminhada que fizeram, saindo próximo ao estádio Mane Garrincha até a esplanada do Governo, me arrepio

ao lembrar que ali estiveram presentes mulheres mães de famílias com seus filhos carregados no colo, enfrentando o desafio de se deslocaram para a cidade grande sem a presença dos maridos, muitas delas conhecendo a cidade pela primeira vez, isso foi histórico.

O sentimento de orgulho de ver entre tantas mulheres, lideranças empoderadas com autonomia em frente às lutas pelos Direitos.

Processo vivido na pesquisa

Durante a minha trajetória acadêmica tive que fazer algumas escolhas difíceis, uma delas foi sair do território durante cinco semanas e ficar longe dos familiares, foi desafiador sair da aldeia e pisar em outro território diferente, que necessita ser demarcado a todo o momento, tudo aquilo era novidade, me sentia presa como um pássaro em uma gaiola, o ar poluído não me fazia sentir bem, as aulas de linguagem acadêmica eram complexas demais, mas aos poucos comecei a me adaptar e a entrosar com alguns colegas e os dias foram passando, os assuntos discutidos em sala de aula naquele momento eram sobre a escolha do tema dos percursos acadêmicos.

Confesso que nessa hora fiquei meio perdida, pensava em tantos temas e depois observava que a maioria deles já tinha sido pesquisado por outros estudantes que já haviam passado pelo FIEI.

Durante minhas incertezas comecei a pensar em fazer a minha pesquisa sobre o calendário Xakriabá, mas ao ver um livro recentemente publicado sobre o assunto pensei em dar continuidade, nesse momento minha orientadora já estava definida, seria a Ana Gomes, durante nossas conversas ela sugeriu que eu falasse da juventude Xakriabá.

O ponto inicial foi desafiador, não encontrava fontes de referência ou estudos sobre a juventude indígena, parti então para as pesquisas de campo as quais nortearam a minha pesquisa, e fizeram descobrir outros horizontes.

Houve momentos que os meus entrevistados estavam estudando fora, ficava ansiosa para que eles pudessem retornar ao território para poder entrevista- lós. Devagar os primeiros capítulos começaram a ser escritos, diria que foi uma trajetória de escrita bem intensa, às vezes tive medo, dificuldades para transcrever e digitar as entrevistas, o uso do computador era algo novo, mas com o decorrer do tempo

consegui desenvolver habilidades de digitação, e conversando com as pessoas nas aldeias fui fortalecendo a certeza de que estava no caminho certo. Diria que, falar sobre juventude me fez ver que a todo o momento os jovens estão circulando e se movimentando em torno de todas as discussões em todos os espaços e só percebi que eles estivessem circulando nesses espaços durante a pesquisa.

Várias vezes combinava a data com entrevistado e por algum motivo não dava para fazer a entrevista, nossa ficava desesperada será que vou conseguir marcar uma nova data, várias vezes me senti angustiada, mas também passei por momentos de aprendizados e de muitas memórias que revivi durante a minha caminhada como pesquisadora.

A pesquisa foi desenvolvida em duas etapas, a primeira foi à leitura de relatórios, livros e revistas, a segunda e última etapa foram às entrevistas, conversas gravadas e conversas informais do dia a dia da comunidade.

Foram escolhidas cinco pessoas de diferentes faixas etárias, jovens universitários, jovens trabalhadores rurais e pessoas mais velhas da comunidade.

1. AS ENTREVISTAS EM SEUS CONTEXTOS

As entrevistas foram realizadas no Território Xakriabá com pessoas de aldeias diferentes levando em conta a manifestação de sugestões do próprio entrevistado, cada um com seu ponto de vista, desse modo levantando pontos fundamentais que caracteriza as semelhanças e diferenças que cada uma dessas pessoas vivenciaram com os pés na aldeia ou fora dela. Seguindo o contexto das entrevistas descrevi as circunstâncias e o momento que cada uma delas aconteceram.

1.1. Sobre entrevista com Juvana Sawídí Xakriabá



Figura 2 - Juvana Sawídí, fonte: entrevistada Juvana Sawídí Xakriabá (2019).

Juvana Sawídí Xakriabá é da aldeia Caatinguinha, filha de uma importante liderança local, Sr. Estácio. Ela tem hoje vinte e sete anos de idade, mas relatou que aos vinte e três anos, iniciou na articulação dos movimentos e nas articulações dentro e fora do território. Estudou até o ensino médio na Escola Estadual Indígena e hoje está cursando Direitos na UFG Universidade Federal de Goiás.

Juvana Sawidí afirma que ela consegue ver o processo de luta a partir da juventude, pode se enfatizar essa questão de ser mulher, sem deixar de ser povo e sem deixar de ser jovem.

No dia seis de agosto de 2019, logo cedo por volta das oito horas da manhã, fui até aldeia da Juvana, pois a mesma havia me convidado para participar de uma conversa com as lideranças e os jovens na sua casa na aldeia Embaúba, para discutir a organização do 2º Encontro da Juventude Xakriabá. Reuniões anteriores haviam decidido sobre a necessidade e possibilidade de dar continuidade ao 1º Encontro realizado, sugerindo que houvesse um rodízio.

Vários assuntos foram discutidos dentre eles as datas para fazer rodas de conversas com a juventude e as lideranças por aldeias. Depois de ouvir as discussões iniciei a conversa com a Juvana, o uso da gravação era definido em comum acordo; em alguns momentos, nos quais a entrevistada fazia certas análises internas, ela pedia para interromper a gravação.

A entrevista aconteceu como uma espécie de conversa informal. As questões previamente definidas tiveram um papel secundário; Juvana, nas respostas, incluía questões que julgava importante. Em meio à conversa, ela destacava pontos, sugerindo rumos para a investigação, transformando a entrevista em um encontro de orientação a partir das suas experiências como estudante de direito e jovem atuante na Terra Indígena Xakriabá (TIX).

Outros pontos foram incluídos na conversa. Segundo a entrevistada, há um importante movimento a respeito da revitalização da língua, sendo que os jovens têm demonstrado interesse. Ela fomenta que o resgate da língua akwén tem grande influência da juventude e como parte do processo de valorização da cultura local, relatou sobre o seu casamento com Durukwa Xakriabá da aldeia imbaúba realizado pelo Jair xakriabá, no qual foi feito um filme contando o processo do casamento e resgate histórico da tradição do casamento xakriabá, o filme foi divulgado no festival de cinema em Brasília.

1.2. Sobre a entrevista com Edgar Correa Kanaykõ Xakriabá



Figura 3 - Edgar Kanaykõ Xakriabá, fonte: entrevistado Edgar Kanaykõ Xakriabá.

Durante as minhas idas e vindas a Belo horizonte no período dos módulos presenciais do curso, pude ver a presença de jovens indígenas na universidade constantemente, e exatamente no dia vinte e três de setembro de 2019 encontrei o Edgar Xakriabá circulando nos espaços da FAE /UFMG, e claro, não perdi a oportunidade de conversar com ele sobre o tema do meu trabalho.

Começamos a conversar sobre como ele iniciou seu processo de participação nos movimentos de luta, ele relata que desde criança vem participando e desde então se acredita que, desde quando nasceu à luta se fez presente na sua vida de certa forma, e que sempre participou das reuniões nas aldeias e com mais o menos quinze anos de idade passou a ir aos movimentos que aconteciam fora das aldeias e hoje com vinte e oito anos de idade já participou de vários movimentos é graduado em licenciatura intercultural para educadores indígenas e mestrado em antropologia pela UFMG, ele vive na luta constante e mostra através das imagens fotografadas nos movimentos como é a intensidade da luta dos povos indígenas.

Ele descreve como é a intensidade da luta dos povos indígenas e ressalta a importância de ter os mais velhos, caciques e lideranças como um espelho que reflete a luz para a juventude dar continuidade à luta. Relata ainda de como tem sido a recepção dos povos indígenas em Brasília quando vão manifestar seus direitos. A situação não é acolhedora, os indígenas são sempre recebidos pela polícia com balas de borracha e spray de pimenta, é desumano, mas a luta não para.

1.3. Sobre a entrevista com Jucirema (Conhecida como Jhú)



Figura 4 - Jucirema Xakriabá, fonte: entrevistada (2019).

Primeiro momento entrei em contato com a Jucirema e falei sobre o tema que estava pesquisando e ela aceitou aprofundar mais a conversa e gravar a entrevista. Aproveitei que ela estava no território no período de férias e marquei a data com ela para fazer a entrevista. No dia dois de agosto de 2019 fui à casa da Jucirema na aldeia Brejo Mata Fome, por volta das quatorze horas e logo após iniciamos a conversa.

Ela relata seu percurso de vida no território e fora dele, aos vinte e um anos de idade, solteira, ela cursa psicologia na UFG Universidade Federal de Goiás. Ela relembra que estudou desde o primário ao ensino médio na escola indígena e após término do ensino médio iniciou sua vida acadêmica, primeira graduação em administração pela Unopar, na cidade vizinha município de Itacarambi e percebeu

que não era o curso que ela queria e desistiu e continuou a prestar vestibulares em outras universidades e conseguiu ser aprovada em pedagogia UFRB Universidade Federal Recovo Bahia deixando sua família e foi morar distante sentindo seu coração apertado, mas seguiu seu caminho só que, mais uma vez ela não sentiu que ainda não era o curso que deveria cursar e decidiu procurar outro curso que ela se interessasse e também da comunidade foi então decidiu prestar outro vestibular e conseguiu ser aprovada em psicologia pela UFG, firmou seu pensamento e fixou no curso e hoje ela afirma que é o caminho que quer seguir ajudando a seu povo.

Após essa fala de sua experiência de vida, Jucirema comenta como foi sua experiência em participar do primeiro Encontro da Juventude Xakriabá realizado no território e da importância que esse evento teve na vida da juventude e de todo povo Xakriabá.

Finalizamos a conversa falando sobre futebol feminino que está se destacando no território e somando forças, e isso tem ajudado as mulheres a ter uma rotina diversificada e agradável, tornando o futebol uma terapia. Hoje já existem cerca de 15 times femininos no Território Xakriabá, nos fins de semana acontecem torneios nas aldeias e a alegria garantida.

1.4. Sobre a entrevista com Tiago Pereira (Conhecido como Peú)



Figura 5 - Tiago Pereira, fonte: Arquivo da autora, aldeia Santa Cruz (2019).

Comecei a conversar com Tiago informalmente sobre como é a vida das pessoas que saem à procura de trabalho, logo após o convidei para entrevista e ele aceitou; no dia quatro de novembro de 2019 por volta das quinze horas fui casa do Tiago Pereira, de vinte quatro anos de idade, solteiro, morador da aldeia Santa Cruz, ele me recebeu e disse que estava se sentindo meio tímido, e perguntou se a gravação seria divulgada, por que se fosse divulgada, não queria que o nome dele aparecesse, expliquei para ele que não, e qualquer informação só seria divulgada com autorização do entrevistado.

Então começamos a conversar, ele foi relatando que desistiu de estudar devido às condições financeiras, e que muitas das vezes a mãe não podia estar dando um suporte para atender todas as necessidades financeiras, devido à família ser muito grande, são dez irmãos, imagine uma mãe ter que dar o que comer e o que vestir para todos os filhos.

Ele relata que aos dezoito anos de idade saiu em busca de trabalho na cidade de Goiás e não conseguiu, teve que voltar para casa e continuou em busca de trabalho, e a única oportunidade que apareceu foi o corte de cana, não tinha outra escolha ele reforça que deveria ajudar a família e si mesmo.

Ele afirma ainda que todo o ano sai para o corte de cana no Estado da Bahia, assim como vários Xakriabá de outras aldeias, somente da Aldeia Santa Cruz vão aproximadamente cerca de 30 homens , segundo ele, mesmo com as dificuldades ainda consegue sorrir, pois quando sai pra trabalhar vai sempre em família, junto com cinco de seus irmãos, e assim vai relatando como é árduo o dia a dia do trabalhador no corte de cana.

1.5. Sobre entrevista com o senhor Olímpio Antônio (Conhecido como Negão da Lagoa)



Figura 6 - Olímpio Antônio, fonte: arquivo da autora Aldeia Santa Cruz (2019).

Após uma conversa informal com o senhor Olímpio no dia dois de julho de 2019 perguntei se poderia voltar para aprofundar a conversa sobre o tema de pesquisa, ele aceitou. Escolhi entrevistar o senhor Olímpio Antônio, casado, sessenta e oito anos de idade, pai de sete filhos, por ele ser uma pessoa mais velha, assim eu teria a oportunidade de verificar como foi a vida dele quando era mais “novo”. Dessa forma, poderia fazer uma comparação com o que acontece hoje, como está sendo a vida dos jovens. Será que alguma coisa mudou?

Dois dias depois voltei a casa dele novamente como havíamos combinado. Só que ele não estava em casa, fiquei ali aguardando por alguns minutos e não demorou muito ele chegou, e assim deu início a conversa. Ele relata que não estudou e hoje, aos sessenta e oito anos de idade, casado e pai de sete filhos, pode nos ajudar a ver como os tempos têm passado e as modificações no modo de vida do povo Xakriabá.

Ele fala que quando era mais novo não teve necessidade de sair para procurar trabalho, porque tudo que plantava colhia com fartura, pois tinha chuva com abundância e nos dias de hoje chove muito pouco e isso afeta as condições financeiras do povo Xakriabá. Confirma ainda que, não teve oportunidade de estudar e hoje a realidade dos jovens são totalmente diferentes, muitos vão estudar nas grandes universidades.

O senhor Olímpio finaliza a conversa ressaltando a importância de preservar a cultura e valorizar onde quer que esteja, e que o respeito pelos mais velhos é uma raiz que deve ser regada de geração em geração.

Ao longo da minha caminhada tive várias conversas informais com diversas pessoas que me incentivaram e foram de grande relevância, pois me proporcionaram novos conhecimentos que são fundamentais para prosseguir na minha jornada como pesquisadora.

2. JUVENTUDE INDÍGENA

Destaco neste estudo a escassez, ou até mesmo ausência de fontes bibliográficas referentes à juventude indígena. A questão da juventude indígena parece ter passado despercebida nos estudos teóricos no campo das ciências humanas e sociais. Nessa perspectiva propõe-se uma breve reflexão a respeito da juventude na sociedade nacional, para melhor compreensão do uso desta categoria dentre os indígenas, em especial junto aos Xakriabá.

Conforme o contexto de ataques constantes aos direitos dos povos indígenas, novas estratégias de luta são traçadas, o caminho da escrita se fez necessário e a juventude cada vez mais conhecedora do mundo da leitura unificou a luta junto aos sábios e respeitáveis caciques e lideranças, firma seu compromisso a luta e a defesa da terra e da sua identidade. Somando forças e unificando uma só luta.

Essa abordagem da concepção de juventude indígena no Brasil desperta a curiosidade de analisar os passos da juventude a partir da contextualização da história e pertinência da criação das escolas nos territórios indígenas, e a composição de exatidão dos conceitos e sua contribuição para aprendizagem e formação da juventude no movimento indígena.

Apostando nesse raciocínio de estratégias de luta a força da juventude, a afirmação de identidade nos movimentos toma muito mais força se tornando uma articulação mobilizadora em todo território brasileiro.

2.1. Conceito geral de juventude

Em termos gerais, a sociedade considera que algumas teorias históricas contribuem para que a juventude seja vista como um problema, talvez pela forma de se comportar, de se expressar; mas ao decorrer das transformações do tempo, esse conceito equivocado traz algumas reflexões que leva em consideração a participação e construção dos jovens na vida em sociedade.

Mas o que é ser jovem? Parte-se da ideia que a juventude é ao mesmo tempo, uma condição social e um tipo de representação. De um lado há uma faixa etária. De outro, há diferentes construções históricas e sociais

relacionadas a esse tempo ciclo da vida. (Gomes², Nilma Lino e Dayrel¹ Tarcísio, pag; 3 ano 2015)

Em termos gerais, entender o que ser jovem certamente não é nada fácil, teria que refletir qual faixa etária pode se considerar jovem, quais os conceitos definem essa concepção e sua familiarização. Fontes gerais, como por exemplo, dados na internet, o termo jovem costuma ser pag utilizado para designar a pessoa na faixa etária entre 15 e 29 anos de idade, seguindo a tendência internacional.

Nessa perspectiva “Zenaide Maria e Dayrel Juarez” afirma que é preciso entender a juventude como parte de um processo mais amplo de constituição de sujeitos, mas que tem especificidades que marcam a vida de cada um. Enfim, podemos dizer que não existe um único modo de ser jovem, o que nos leva a enfatizar a noção de juventudes, considerada no plural.

Neste sentido, é fundamental conceituar e compreender a relação da juventude e as classes sociais em que estão inseridos e relacionar os caminhos trilhados pelos jovens e o movimento que está vinculado entre a juventude, a cultura e a modernidade em um mundo contemporâneo.

2.2. Juventude indígena Xakriabá

Em relação aos Xakriabá, não se usava a palavra juventude; tais pessoas eram designadas com os termos “novatos” ou “mais novos”, expressão utilizada pelos mais velhos. O uso da expressão “jovem” vem aparecer bem mais tarde, mesmo quando um “novato” jovem arrume um cargo de um emprego ou até mesmo quando se forma uma família (casa) já assume um papel de grande responsabilidade, passando a ter um compromisso maior com a família e a comunidade.

O povo Xakriabá tem uma tradição de se casar muito cedo, a partir dos quatorze anos de idade é comum às meninas já terem filhos.

Recordo-me que certo dia fui um casamento que aconteceu na aldeia Brejo Mata Fome, no escritório da FUNAI, (Fundação Nacional do Índio); o cacique Domingos realizou a cerimônia e os convidados deram os parabéns ao casal. Nesta oportunidade o vereador Xakriabá, Otelice Nunes, se aproximou, manifestou

parabéns aos jovens recém-casados e sorriu, dizendo: - “jovens ou agora serão senhores e senhora”?

Pode se notar que mesmo um casal de jovens quando se torna pais, ou seja, tem seus filhos, a partir do momento que a criança começa a falar já vão chamar os pais de senhor (a) dificilmente uma criança Xakriabá chamar os pais de você, esse hábito é uma questão tradicional e de respeito passada de geração em geração. O escritório fica localizado na aldeia Brejo instalado no ano de 1970 onde o chefe de posto fica responsável para fazer registros civis, casamentos e declarações.

Pode perceber que essa responsabilidade mesmo de um casal tão novo que aparentava ter entre quinze e dezoito anos de idade passando a assumir o papel de uma família, mesmo suas características físicas sendo jovens suas atitudes devem ser refletidas como as de um adulto.

Hoje estima-se que cerca de 70% da população Xakriabá é considerada dentro da categoria jovem. A concepção de juventude é baseada na responsabilidade assumida pelos mais novos.

Desde muito cedo os jovens Xakriabá estão envolvidos na luta e defesa dos direitos. Em conversa informal com a professora Jeuzani da aldeia Santa Cruz ela informou que iniciou a docência em sala de aula tinha 17 anos de idade e hoje tem mais de mais 20 anos dedicado à escola e todo povo Xakriabá.

Ela afirma ainda que, o termo juventude não era utilizado, as pessoas mais jovens eram chamadas de novatos, os caciques e lideranças faziam reuniões para orientá-los, por isso ela acredita que essa responsabilidade com a luta e com o povo sempre foi repassada pelos mais velhos para os novatos hoje denominados de juventude.

Para compreender como se deu a criação desse termo juventude indígena submete a conhecer a história de luta pelos direitos indígena dentro e fora dos territórios. A partir dessa interação entre anciãos e juventude a categoria juventude indígena passa a ser discutida dentro dos territórios e vai somando forças ganhando visibilidade.



Figura 7 Grupo de Jovens Xakriabá, fonte: Jean Carlos aldeia Santa Cruz, (2019).

O registro acima foi realizado durante uma roda de conversa com algumas pessoas mais velhas que estavam ali no local (caverna) onde se refugiavam para se proteger dos pistoleiros durante a luta pelo território em 1987, relataram ainda como foi à participação delas na luta durante o processo de retomadas. Os jovens estão mais atentos aos conhecimentos e ensinamentos para sua formação e têm consciência da sua fundamental importância.

A juventude tem muito a oferecer para o território, a partir de quando se entende que os herdeiros da história e os guerreiros da luta são as gerações presentes e futuras, esse compromisso e responsabilidade se firmam com o povo, com a cultura, e com a ancestralidade. Sobre isso, trago uma parte da conversa que tive com Jucirema, onde ela afirma que;

“Ser um jovem indígena é você viver, mas pensar na restauração da Para questão cultural e não deixar a cultura e como a gente sempre fala nos grupos de jovens que a cultura e nossa identidade né e a luta sempre vai ser nossa herança de certa forma ser jovem um indígena requer mais que ser um jovem porque além de você ser jovem tem que estar conectado a sua ancestralidade, seu contato com os anciões seu contato com a aldeia a recuperação da luta pela cultura para não deixar morrer. Um jovem indígena diz muito de ter participação dentro de a comunidade ser tanto participação cultural quanto de ajuda.” Jucirema Xakriabá (Caderno de Campo, 2019).

Neste sentido é visível a forte presença da união como mencionei anteriormente, do compartilhamento e acima de tudo, o respeito com os mais velhos e comprometimento com o povo.

Todo o processo formativo da Juventude Xakriabá tem sido definido através da construção do diálogo coletivo e dialético com jovens e lideranças, pautada nas demandas específicas da luta Indígena e nas mudanças conjunturais, buscando através do processo de construção coletiva compreender o momento atual, para que a juventude Xakriabá possa fortalecer o seu protagonismo e projetos de vida.



Figura 8 - Juventude Xakriabá, fonte: Edgar Kanaykô, Brasília (2019).

2.3. Juventude na luta

A conquista dos artigos 231 e 232 da constituição Federal de 1988 que garantem os direitos dos povos indígenas foram resultado de uma luta árdua. Essa luta que permanece cada vez mais intensa e atualmente, todos os povos indígenas vem lutando para garantir, por um lado efetivar esses direitos e por outro lado evitar a retrocessos que culminem na perda dos mesmos.

A luta dos antepassados, os conflitos e o sangue derramado sobre a terra foi para que as próximas gerações tivessem um futuro melhor, e hoje o protagonismo da juventude Xakriabá em defesa dos direitos vem avançando nos movimentos de

luta. Em 2015 a juventude passou a integrar os movimentos nacionais, a partir da necessidade de ter mais pessoas nas lutas, além dos caciques, das lideranças, dos pajés e dos anciões. Iniciou-se assim um processo de formação da juventude pelos anciões e pajés. Hoje em dia a juventude vem trabalhando em conjunto e fortalecendo cada vez mais a identidade, história e resistência.

A luta tem se intensificado devido à conjuntura política em que o país se encontra. Em decorrência de toda essa transição política e social na vida do povo Xakriabá, os mais velhos recomendam a juventude a encarar a luta como uma um ato de amor pela terra e pelo seu povo, e hoje o número de jovens inseridos na articulação e movimento em busca dos direitos tem se elevado devido à preocupação com o direito de viver e ter um projeto de vida que garanta que os Direitos Indígenas de fato que seja efetivado.



Figura 9 - Jovens Xakriabá, fonte: Edgar Kanaykô Brasília (2019).

Em conversa com Edgar ele fez o seguinte relato de como iniciou sua trajetória de luta dentro e fora do Território.

Edgar Xacriabá começou falando como e quando iniciou seu processo de mobilizador e articulador nos movimentos indígenas, explicou ainda que na verdade desde que o indígena nasce, nasce na luta, ou seja, desde mais novos.

“Eu, por exemplo, desde uns quinze anos a dezesseis comecei a participar né desses eventos fora né/ assim reuniões, encontros, mas isso se deu por causa da necessidade e dos próprios mais velhos né... Que eles lideranças também incentivava essa participação de nós jovens nos movimentos (...), mas tudo isso começou dentro da participação na comunidade, mutirões e os a fazeres do dia a dia mesmo também.

A partir daí a gente teve a oportunidade de... de ir para fora participar dos eventos etc., mas o menos esse período com quinze a dezesseis anos que comecei também a participar fora dos movimentos que aconteciamos nós Xakriabá era convidado assim né / só que mais isso ficou mais forte ainda foi a partir de 2015 a 2016 que a gente começou a ir para aquele maior movimento indígena que tem no Brasil que acontece em Brasília que o acampamento terra livre né, antes disso acontece também movimento que chama é feira dos povos dos cerrados.

O Xakriabá também tá numa região de cerrado também participa desse evento e tem é comissão Xakriabá, esse movimento é uma mobilização dos povos dos cerrados com iniciativa dos próprios povos indígenas que abrangem áreas do cerrado né desde Xakriabá, Xavante, Kraô do Mato Grosso a região do Maranhão, essas regiões que tem povos indígenas e esse evento ele tem o objetivo de na verdade dizer assim que nós indígenas estamos nesse ambiente que é o cerrado e que muitas vezes o cerrado fica esquecido que é um bioma que é mais ainda afetado pelos grandes latifundiários, pela monocultura e esse evento surgiu no objetivo de dar visibilidade aos povos indígenas dessa região e ao próprio ambiente, preservar o cerrado né! Hoje em dia só tem 20% de cerrado então surgiu nesse objetivo assim...

Os poucos assim isso vai dando aos poucos né a participação, então internamente a gente articula e depois passando tudo isso os lideranças viram o grande potencial nós jovens mesmo se reuniu assim né, não separado mais junto com os mais velhos, e de quando a gente pode fortalecer mais... E de uns tempos pra cá os jovens tem se direcionado a esse movimento fora também, mas assim junto sempre junto com uma liderança, com um mais velho né que nos orienta de como seguir melhor caminho assim etc.

A partir daí organizou internamente também, uma forma de fortalecer não só fora, mas principalmente dentro, essa questão da cultura, dos cantos, das danças e fluíam os poucos fortalecendo mais ainda né até na questão da educação também.

A participação e mobilização do povo Xakriabá se destaca a participação da juventude no acampamento terra livre, como foi à participação dos Xakriabá nesse evento Esse já é o se não me engano o décimo quinto acampamento, já quase quinze anos de acampamento, o Xakriabá sempre foi digamos assim um povo mais invisibilizado no cenário nacional e a partir de o Xakriabá começou a participar principalmente a juventude de frente assim... E começou a ter mais invisibilidade dentro do próprio movimento e principalmente ATL... Isso foi a partir de 2015 a 2016 fortaleceu mais ainda a questão da juventude dentro de todos os espaços e deu mais visibilidade também inclusive fortaleceu fora e dentro do território. Assim sempre junto com os mais velhos, costume dizer assim como temos a escola aprendemos a ler e escrever. O espaço do movimento do dia a dia de luta e que nos ensina mais ainda, tenho certeza que para nós essa é a principal escola que nos ensina a o próprio de vida de como tem que lutar junto e... E coletivamente é esses espaços tem um grande espaço de formação mesmo né se for pensar bem. O processo de retomada mesmo foi justamente essa questão da consciência coletiva que os mais velhos tiveram as lideranças junto com a escola de que a juventude e comunidade de modo geral têm que tá presente...

Nas retomadas mais recentes se não me engano em 2013 nas caraíbas teve uma grande participação da escola né juventude, foi nesse sentido de que a escola ela não e nem vai ser voltada apenas para o ensino entre quatro paredes assim, Fora dela também a luta pelo território e a principal né por isso as escolas se envolvem muito durante os processos de retomada, é uma questão de fortalecer a educação no território.” Edgar Kanaykô (caderno de campo 2019).

Os jovens vêm participando nos movimentos e isto está sendo visto de forma positiva e inclusive pelas próprias lideranças que incentivam. Uma das lideranças que mais incentivou a juventude foi à liderança do barreiro tio Valdim (in memoriam), ele costumava dizer que, “a juventude é o futuro, mas não é só isso, na verdade é o presente mesmo”, ele sempre incentivava os jovens a estarem sempre presentes na luta. Assim como os mais velhos lutaram no passado e agora os jovens têm que tomar essa iniciativa também.

A participação dos jovens nos movimentos e articulações dentro e fora do território vem sendo o alvo principal das articulações e manifestações pelos Direitos Indígenas na capital do Brasil, a cidade de Brasília. Os jovens indígenas vêm se destacando de mãos dadas com os anciãos e lideranças na luta incansável, muitas das vezes são recebidos de forma violenta, com balas de borracha e spray de pimenta pela polícia, a qual deveria protegê-los. São situações desumanas, falta de saneamento básico e alimentação, mas na luta ninguém se cansa todos num só objetivo, unificarem a luta em prol de todos os povos originários.

Durante a investigação Célia e Artemisa estavam em experiências internacionais em defesa do clima, realizadas em setembro de 2019. A jovem de 19 anos Artemísia Barbosa ribeiro conhecida como Artemisa Xakriaba participa pela primeira vez de uma viagem internacional em defesa do clima e teve grande visibilidade como jovem representante da juventude indígena no fórum.

“Meu entusiasmo é pelo o que vim fazer aqui, que é lutar pela existência não só do meu povo, mas de todo mundo. Nova York é uma cidade bonita, que há pouco tempo eu nem sabia que existia. O importante é estarmos aqui para unir forças. Nossas vozes têm de ser ouvidas”, diz ativista 19 anos. (Por RFI 22/09/2019)

Nos últimos dias se discutiu muito a questão do clima, as grandes florestas áreas de preservação ambiental estão sendo queimadas e esta é uma preocupação do mundo todo. A floresta é a nossa mãe, ela está com seu pulmão adoecido de tanta fumaça de fogo, como o mundo irá respirar sem o cordão umbilical da mãe floresta, unificar a luta em defesa da floresta, dos cerrados e uma causa que o mundo deve abraçar.

Após conversar com Célia Xakriabá sobre o tema da proposta de pesquisa para a conclusão da minha formação no FIEI, suas palavras me iluminaram e me serviram como fonte de inspiração. A todo o momento pude notar nas expressões dela a importância que os mais velhos têm, com certeza um dia eles já foram jovens protagonistas de lutas e hoje são uma das maiores referências para a juventude Xakriabá.

A luta dos mais velhos tem formado uma nova geração de jovens que busca, assim como os mais velhos, o direito de viver em harmonia em suas terras. Em meio a tantos jovens que vêm deixando registrado o seu protagonismo nos caminhos de luta, destaco a Célia Xakriabá. Com sua experiência e trajetória de vida, ela tem se destacado como uma mulher guerreira e batalhadora, que nasceu no território e aos treze anos de idade iniciou sua trajetória no movimento indígena, tendo tido sua formação escolar básica, desde o ensino primário até o ensino médio na escola indígena Xakriabá.

Recordo-me que em 2007 acontecia a formação das turmas da oitava série/nono ano e primeira turma de alunos do terceiro ano do ensino médio no Território Xakriabá, me senti muito feliz por estar recebendo meu primeiro certificado de conclusão do ensino fundamental II e a Célia estava concluindo o terceiro ano do ensino médio; No de 2009 ela prestou vestibular na UFMG Universidade Federal de Minas Gerais na Licenciatura para Educadores Indígenas com habilitação em Ciências Sociais e Humanidade, nessa época ouvia muito as pessoas comentarem que tinha uma turma de estudantes fazendo curso em Belo Horizonte, e os pais falavam para seus filhos: vocês tem que estudar para serem iguais esses que estão lá fora estudando, isso motivava muitos jovens a sonhar em fazer faculdade.

A Célia se tornou a professora de cultura mais jovem com apenas vinte e quatro anos de idade, sendo a mais jovem, a assumir o cargo; geralmente esse cargo é ocupado por uma pessoa mais velha. E não parou por aí, ela seguiu trilhando seu caminho. Em 2015 ela coordenou o programa de Educação Escolar Indígena na Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais.

A partir de então as portas se abriram por completo e a Célia merecidamente se torna a primeira mulher indígena Xakriabá a receber o título de Mestrado Profissional em sustentabilidade para povos e terras tradicionais pela Universidade de Brasília. Tendo se tornado uma liderança reconhecida internacionalmente ela segue na luta, colorindo as Universidades e descolonizando o mundo.

2.4. O povo Xakriabá e o uso da tecnologia

A comunicação entre o povo Xakriabá sempre existiu de modo bem tradicional, através de recados ou até mesmo a pessoa se deslocava a pé ou a cavalo para comunicar ou às vezes soltava um foguete para passar um aviso que alguém tinha chegado ou até comunicar o nascimento de uma criança, uma reunião ou até de um mutirão e assim transmitia a comunicação facilmente.

Hoje as maneiras de comunicar vêm se transformando a partir da demanda de ter a energia elétrica no território. Surgiu também a ideia e a necessidade de fazer uso da internet para facilitar a comunicação com mais rapidez, principalmente com as pessoas mais distantes.



Figura 10 - Jovem Xakriabá usando o celular, fonte: Tatyane Lopes aldeia Santa Cruz (2019).

A influência da internet se faz presente no cotidiano da maioria da população; hoje a maioria tem acesso ao celular com rede de internet e assim vão comunicando através dos aplicativos e também a através da rádio FM 97, localizada no Ponto de

Cultura da aldeia Sumaré e alcança diversas aldeias. São divulgados avisos de reuniões, eventos, e tem uma participação efetiva dos jovens que vão fazer à programação voluntariamente. A rádio FM 97 foi criada no ano de dois mil e quinze, com objetivo de transmitir os acontecimentos informações e manter a população sempre conectada. Além da rádio, são desenvolvidos outros projetos no ponto de cultura, como oficinas de design gráfico, uma iniciativa para que os jovens possam aprofundar o conhecimento do uso da informática e produzir registros nas aldeias. E hoje o ponto de cultura é uma referência para a questão do registro e da memória de todo povo Xakriabá. A internet no território ainda não tem uma qualidade muito boa e o custo é muito alto, espera-se que a qualidade possa melhorar e o custo se tornar mais justo para que todos possam acessar.

A juventude indígena está inserida em meios a tecnologias, o que, de um lado, tem mostrado o lado positivo como um instrumento de luta e essa ferramenta tem dado mais visibilidade nos campos de luta e é também uma forma de se organizar comunicar, passar informações, e divulgações para as aldeias e o mundo todo.

Acredito que a internet veio facilitar projetos educativos, possibilitar e disseminar informações, cultura e facilitar a comunicação entre indivíduos. Por outro lado, pode haver aspectos negativos com a globalização e o desenvolvimento da internet, pessoas podem se verem perdidas num mar de dados e acabar naufragando diante de tantas informações. Portanto o equilíbrio e o cuidado ao utilizar aos meios tecnológicos são de suma importância.

Neste sentido, Gersem Baniwa faz a seguinte análise:

Os jovens indígenas de hoje precisam ser ainda mais resistentes do que as gerações anteriores para enfrentarem e sobreviverem à sofisticada e sistemática tentativa de negação e destruição das múltiplas identidades, das culturas, das tradições dos valores e da sócio biodiversidade do planeta em nome de uma modernidade monocultura e universal. Não é nada fácil para os jovens resistirem às sedutoras tentações das facilidades apresentadas pela modernidade globalizante por meio do acesso as tecnologias, redes sociais virtuais, pesada cargas de propagandas economias religiosas ideológicas e promessas existentes de bem-estar e riqueza, sucesso profissional e pessoal e tantas outras promessas e sonhos irrealizáveis e inalcançáveis pela maioria esmagadora dos indígenas, não por sua incapacidade cognitiva ou cultural, mas pelas regras excludentes e injustas do jogo do capitalismo baseado fundamentalmente na profunda exploração, desigualdade e em processos de concorrência e seleção desleal e injusta do mercado. (BANIWA, 2017, p. 06)

Os jovens indígenas estão se organizando e tecendo uma rede de articulação e interação com o Brasil e o mundo. Já existem várias organizações que apoiam as causas indígenas e ajuda na articulação desses grupos, um dos exemplos é a (REJUIND), Rede de Juventude Indígena que apoia a causa e o movimento indígena.

A REJUIND foi criada em 2009 como ferramenta de luta, para facilitar informações em comunicação entre a diversidade de juventude indígena, utilizando novas tecnologias e meios de comunicação.

Hoje os jovens têm se informado bastante e através do uso da tecnologia e vêm mostrando, divulgando, e buscando visibilidade as lutas em defesa dos Direitos Indígenas. Acredito que a internet como uma ferramenta de luta e tem promovido uma repercussão favorável à luta, mas é preciso ter um equilíbrio e sabedoria para distinguir o bem e o mal e as consequências que podem causar.

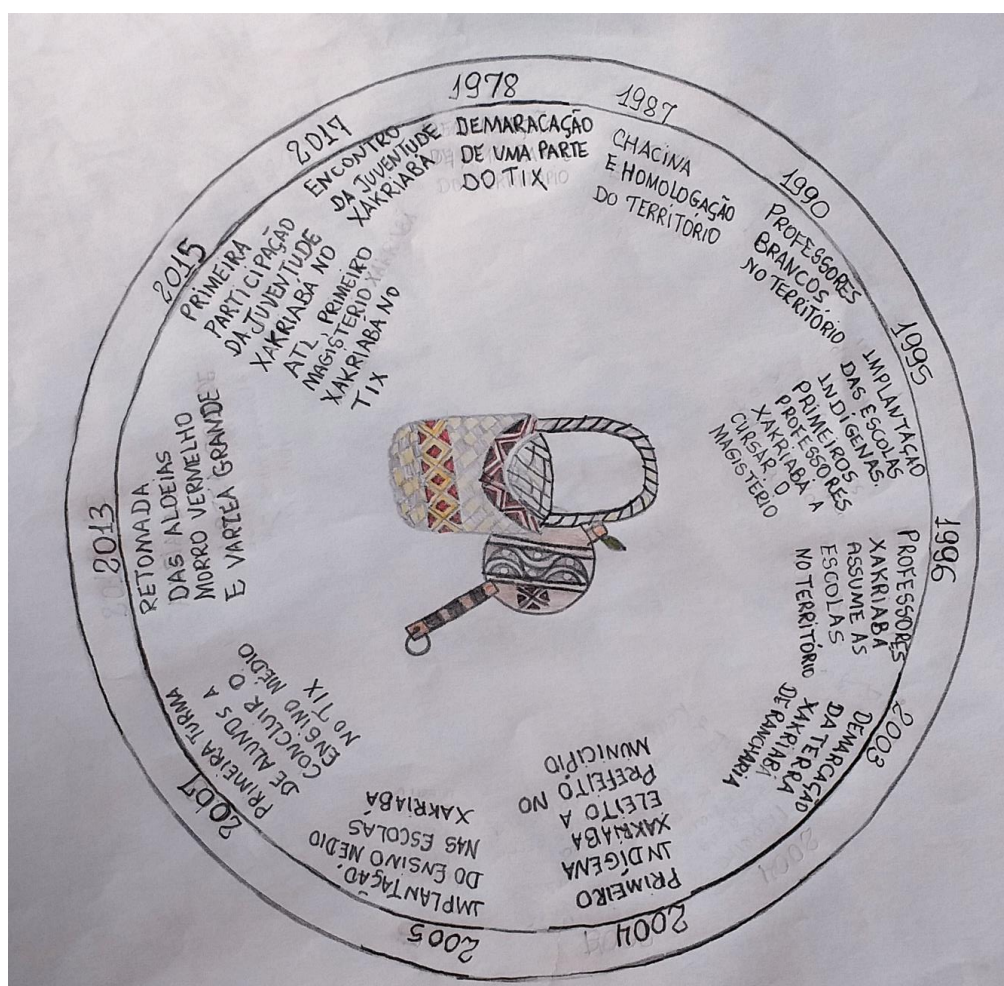


Figura 11 - Mapa da dinâmica local da juventude

O mapa acima mostra a dinâmica local da juventude que transita nesse espaço de luta, desde a época da luta pela terra , passando pela implantação da escola e a formação dos grupos de jovens, vêm somando forças nos movimentos e articulação em todo território Brasileiro.

3. JUVENTUDE E ESCOLARIZAÇÃO

Considerando – se que a educação escolar indígena tem se tornado relevante nos territórios, articula-se a ideia de que essa educação diferenciada é um processo construtivo e se constrói a cada dia.

Neste sentido, considera-se que “a educação escolar aparece como uma entre outras das muitas formas de disseminação de tradições culturais introduzidas do centro em direção as diferentes periferias do sistema mundial”. (SILVA, GOMES, SANTOS, 2013, pág. 21).

Com base nessa perspectiva a escola indígena norteia uma área ampla de conhecimentos e traz em seu contexto a grandeza intercultural e propõem a inter-relação entre escola e comunidade.

No entanto, o processo de transição dos povos originários nessa mobilização e articulação na busca por direitos, a escola tem um papel importante no quesito de aprendizagem da escrita, portanto a educação é um processo contínuo e para melhor compreender as políticas indígenas, o espaço geográfico dentro desse âmbito e a variedade de políticas que estão interligados, entre os conhecimentos tradicionais e os científicos.

O processo de escolarização dos Xakriabá do Norte de Minas Gerais surge durante a luta pela demarcação da terra Xakriabá. Nessa época o município era de Itacarambi e tudo era mais complicado pelo fato dos governantes não apoiarem a causa indígena, em consequência de todos os acontecimentos e luta. As comunidades sofriam o grande aceleramento e impactos nos modos de viver no território.

O município de Itacarambi era responsável pela gestão das escolas indígenas, o problema era visível, além de não atender as especificidades dos Xakriabá, os professores tinham uma carga horária de aulas muito baixa devido à distância da cidade até as aldeias, segundo pessoas que estudavam na época.

Os Xakriabá precisavam criar estratégias de luta, assim sabendo que o inimigo estava na gestão, mas precisavam ter pessoas com conhecimentos de leitura e escrita para facilitar a comunicação dos caciques e lideranças com apoiadores da causa indígena e até mesmo para escrever documentos para enviar a capital Brasília.

Segundo os mais velhos antigamente não tinha escola nas aldeias e tudo era mais difícil, pois não tinha pessoas alfabetizadas para que pudesse ler uma carta ou até mesmo escrever um documento, contavam com ajuda de pessoas da cidade que se identificava com a causa indígena para ajudar nessa intermediação.

As estratégias de luta eram diferentes dos dias atuais, os anciãos relembram que não dominavam a escrita, mas a linguagem oral sempre foi predominante e extremamente importante para manter a memória e fortalecimento da história e identidade dos Xakriabá.

A partir 1990 com a implantação das escolas no Território Xakriabá novos horizontes foram abertos. Em 1995 teve início à primeira formação de professores Xakriabá no magistério indígena, em seguida esses professores considerados novatos, pois a maioria tinha entre 14 e 17 anos de idade, assumiram as salas de aula com o apoio dos caciques e lideranças e comunidade em geral. O domínio e a atuação dos primeiros professores Xakriabá teve grande repercussão e hoje é o reflexo dessa atual juventude.

“Nossos embates são contra canetadas. Mais do que nunca, é preciso ter domínio dos saberes não indígenas para garantir a nossa ciência tradicional, território e vida”. Durkwa Xakriabá (CIMI 2017)

Após serem formados no magistério os professores e a comunidade em geral viram a necessidade de formação de professores para atuar nos anos finais do ensino fundamental e Ensino Médio, foi aí que se criou o Curso de Formação Intercultural de Educadores Indígenas – FIEI/PROLIND, que formou em 2011 muitos professores Xakriabá, foi como um curso piloto para que pudesse instituir a continuidade no Curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas – FIEI/REUNI ofertado pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG na Faculdade de Educação – FAE. Onde todos os anos através de um vestibular são ofertados as seguintes habilitações: Ciências Sociais e Humanas, Matemática, Ciências da Vida e Natureza e Línguas Artes de Literatura. O curso se organiza semestralmente através de módulos intensivos durante cinco semanas na capital de Belo Horizonte e em intermódulos realizados nas Aldeias, o curso dura quatro anos, há também a formação continuada através de programas do governo e também da secretaria de estado.

Atualmente somam dez escolas sedes que funciona do ensino fundamental ao médio, onde a maioria conta com transporte escolar fornecido através do município e aproximadamente cerca de 30 escolas vinculadas que atendem somente o ensino fundamental I e II. O Quadro de professores indígenas tem aumentado cerca de 500 profissionais que atendem as escolas no território e aproximadamente 3 000 mil alunos matriculados nas escolas Xakriabá.

Observa se que o número de alunos vem crescendo relativamente, mas ressalto que ainda hoje alguns jovens estão fora da escola, falaremos sobre isso mais adiante.

Para verificarmos esses dados foram realizadas pesquisa em duas escolas criadas recentemente em aldeias diferentes.

A escola estadual indígena Mambuka na aldeia Morro Falhado desmembrada da escola Bukimuju da aldeia Brejo Mata Fome em 14 de julho de 2008. A escola Mambuka possuía vínculo com as escolas das aldeias Itapicuru, Santa Cruz, São Domingos e Sapé de 2008 a 2015. Atualmente a escola Mambuka é vinculada somente com a escola da aldeia Barra do Sumaré e tem aproximadamente 230 alunos matriculados. O espaço físico da escola é grande cercada tem quatro salas de aula, uma biblioteca, uma secretaria e uma cozinha, possui água encanada, energia elétrica e acesso à internet.

Abaixo segue os dados, de homens e mulheres que conseguiram concluir o ensino fundamental e médio na Escola Mambuka aldeia Morro Falhado a partir da criação da escola sede em 2008.

2008		2009		2010		2011		2012		2013		2014		2015		2016		2017		2018	
M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F
07	23	27	20	30	33	35	20	52	44	33	45	32	40	12	20	20	15	18	25	12	10

2010		2011		2012		2013		2014		2015		2016		2017		2018	
M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F
06	05	05	07	04	17	02	13	03	12	0	06	01	05	03	10	04	08

Tabela 1 - Alunos que concluíram o Ensino Fundamental 9º

Tabela 2 - Alunos que concluíram o Ensino Médio 3º ano

Observa-se que assim que a escola foi fundada teve um aumento de matrículas nos anos finais devido as sede da escola terem ficado mais próximas das aldeias, O transporte escolar também contribui para o aumento de alunos, e a partir de 2015 esse número foi diminuindo devido ao desmembramento das escolas do Itapicuru Santa Cruz, Sapé e São Domingos.

A Escola Estadual Indígena de Educação Infantil, de ensino Fundamental e Médio, foi fundada em 02 de fevereiro de 2015 na aldeia Itapicuru, vinculada com as escolas das aldeias; Sapé, Santa Cruz e São Domingos com uma média de 240 alunos matriculados.

O espaço físico da escola da aldeia Itapicuru é bem pequeno tem apenas duas salas, uma secretaria, dois banheiros e uma cozinha, possui um galpão (espaço aberto) para realização de reuniões, o pátio cercado, tem energia elétrica e água encanada e acesso a internet.

A escola da aldeia Itapicuru foi vinculada com a escola Mambuka no período de 2008 a 2015.

Segue os dados de homens e mulheres que concluíram o ensino fundamental e médio na Escola Bukikai aldeia Itapicuru a partir da criação da escola sede em 2015.

2015		2016		2017		2018	
M	F	M	F	M	F	M	F
04	18	13	25	21	15	19	10

Tabela 3 - Alunos que concluíram o ensino fundamental 8ª série/ nono ano 9º

2015		2016		2017		2018	
M	F	M	F	M	F	M	F
07	07	04	14	02	04	02	

Tabela 4 - Alunos que concluíram o ensino o ensino médio

O Número de alunos matriculados nas escolas indígenas em todo Território Xakriabá tem aumentado nos últimos anos devido à facilidade e também o incentivo dos mais velhos para que os jovens permaneçam na escola.

Para falar sobre a escola indígena, a oralidade, vai se destacar recitando um poema de como o ensino no Território Xakriabá:

“A Educação escolar pra muitos é novidade
Pois só conhecia a educação ensinada pelos seus pais
Assim foram aprendendo que a escola deveria frequentar
Aprendendo o que é novo sem medo de errar
Como se fosse uma criança aprendendo andar
Bem assim chegou a escola no Território Xakriabá
A cada passo conquistado suas habilidades foram desenvolvendo
A luta se intensificou o povo foi rendendo
E a escola por sua vez precisou se reinventar
Passou a ter demandas de sua própria matriz curricular
O Xakriabá sempre calado esperando o momento de falar
Não baixou a guarda e atrás de melhoria para as escolas foram buscar
Hoje já possui o seu jeito próprio de ensinar
A metodologia pensada no modo de viver
Não se esquecendo dos conhecimentos globais que necessitam ter
Assim vão se formando cidadãos Xakriabá
Competentes para afirmar que além do chão da aldeia
Há outros espaços a demarcar.”



Figura 12 - Jovens Xakriabá na escola, fonte: Edvan Xakriabá aldeia Itapicuru (2020).

Para Gersen Baniwa o acesso de indígenas as escolas e, mais recentemente, as universidades, passa a delimitar uma definição etária para o ciclo formativo de uma nova identidade-entrelaçada, a noção de infância e de juventudes, além da ampliação dos contatos entre indígenas não indígenas urbanos {...}, a migração dos povos indígenas, com maior ênfase, da juventude indígena para áreas urbanas.

Sobre a relação entre escolarização e sua utilização como ferramenta de luta, numa das conversas informais, escutei de uma liderança a seguinte advertência: “precisamos voltar atrás para avançar pra frente”.

A necessidade de recuperar formas tradicionais de luta. A escolarização é importante, mas não suficiente, ou seja, não substitui a sabedoria dos mais velhos, a escola vem aprimorar e complementar os conhecimentos dos antigos.

Na dissertação de Célia Xakriabá, ela descreve uma cena sobre uma pergunta feita aos alunos sobre projeto de vida:

Me lembro quando tinha 07 anos de idade, logo que eu tinha acabado de entrar na escola, e em uma das aulas a nossa professora nos perguntou o que queríamos ter como profissão quando crescer. Toda turma respondeu alguns disseram que queriam ser médicos, outros advogados, enfermeiros, dentre outros. Quando chegou minha vez eu respondi que queria ser

professora, por gostar e talvez por intuir que poderia contribuir no fazer da educação a partir da nossa cultura. Sentado discretamente no canto da sala estava presente uma liderança de nossa comunidade, o seu Valdim, e a professora resolveu perguntar também para a liderança o que gostaria de ter como profissão. Ele respondeu: Eu gostaria de ter uma enxada bem amolada para plantar para esse tanto de doutores. (Célia Xakriabá pag; 66 ano 2018)

Observa-se que a escola aparece como um espaço de expectativas para o futuro da juventude, no entanto os conhecimentos tradicionais e culturais estão sempre em primeiro lugar na vida do povo Xakriabá, os mais velhos sempre aconselham os mais novos para que não se esqueça de onde vêm e principalmente compreender para onde vai. Uma frase bastante conhecida que se diz assim: posso ser quem você é sem deixar de ser quem eu sou. E o espaço da escola trouxe outros horizontes, mas a cultura permanece corporalmente e espiritualmente.

3.1. Condições econômicas do povo Xakriabá

Ao enfrentar o desafio de manter no território mesmo com a falta de água e as terras cada vez menos produtivas devido à falta de chuva, como mencionei anteriormente, muitas famílias buscam outras maneiras para extrair fonte de renda, tais como: a confecção de artesanatos de argila/barro, madeira e sementes. Do barro, por exemplo, é produzida uma variedade de utensílios como o pote, o prato, telha entre outros; A madeira é utilizada para fazer colares e também utensílios como prato, a colher, e também moveis como mesa, cama, etc.

Hoje já existem muitos artesãos dentro do território que vêm produzindo seus artesanatos e conseguido expor nas feiras regionais, ganhando espaço e dando visibilidade ao trabalho e a cultura. Uma iniciativa que também vem dando certo, e a extração e coleta de frutos do cerrado, por exemplo, o pequi cajuzinho dos gerais, coquinho, cabeça de negro.

CAA (Centro de Agricultura Alternativa do Norte de Minas) grandes parceiros incentivadores no extrativismo ampliando novas técnicas de capacitações para as famílias. Assim, o número de coletas de frutos vem aumentando, esses frutos tanto servem como fonte de renda e também para o próprio consumo.

O CCA é uma organização de agricultores e agricultoras familiares do Norte de Minas Gerais. Ela é composta em grande maioria, por representantes de povos e comunidades tradicionais (geraizeiros, catingueiros, quilombolas, indígenas,

veredeiros e vazanteiros). Desenvolvem ações em torno da sustentabilidade da agroecologia e dos direitos dos povos e comunidades tradicionais.

O artesanato e a coleta de frutos, mesmo que tenha resultados positivos ainda são insuficientes para garantir a sobrevivência das famílias dentro do território, por isso alguns jovens e pais de famílias ainda saem em busca de trabalho nas cidades grandes e um desafio muito grande sobreviver lá fora muitas das vezes em situações precárias de trabalho.

Em conversa com seu Olímpio ele faz o seguinte relato como foi o processo de vida dele no Território e as transformações ao longo do tempo.

“Ah esses mais novos saem para buscar melhoria de vida e tem alguns que tem sonho ou vontade de adquirir um jeito de vida por isso que sai para procurar um trabalho né (...).

Aqui é um lugar bom de viver, mas é muito difícil para ganhar um dia de serviço, as condições de nós aqui é muito fraca a gente vive aqui pelos milagres de Deus e dá força para nós sobreviver, por isso eles saem para trabalhar, mas não que saem sem precisão e por necessidade né, às vezes saem para trabalhar numa colheita de café ou corte de cana e tem muitos fazendeiros que arrumam serviço e... É isso.

Antigamente chovia bastante e a pessoa não dava para sair porque plantava sua rocinha por aqui mesmo e colhia bem, mas hoje a seca dura o ano quase tudo e aí... Quem sai mais assim para trabalhar nesses serviços aí que eu te falei são os homens e as mulheres grande maioria saem mais em busca de estudo e interesse para nós aqui na reserva né, ah acho que saem mais de uns 200 índios aqui da reserva para as firmas nos estados da Bahia, Sul de Minas e Pontal.

E... E esses novatos e pais de família também saem muitas das vezes tem vontade de construir uma casinha e aí saem e segura aquele dinheirinho que ganha e aí, no fim do ano vem para a aldeia. E assim no início do ano torna saem outra turma uns vão estudar aí nesse mundo, outros vão para firmas trabalhar e as famílias ficam aqui né/ e vive nesse vai e vem por amor o nosso lugar.

Eu nunca saí mais assim, no meu tempo que era novo os tempos era diferente né chovia bastante e tudo que plantava colhia... E hoje já estou velho, mas nunca tive vontade de sair não, mas a gente sabe das dificuldades hoje para cuidar da família então esses novos enfrenta tudo isso assim, para ajudar e sobreviver aqui (...).

Muitos deixam até a escola para ver se consegue arrumar um jeito de ter um ganho, mas não todos eles que deixam a escola, tem muitos estudando fora e eu penso assim que muito importante valorizar né, os esforços que eles estão tendo para trazer benefício para o próprio povo.

É uma luta dos que vão procurar trabalho e também dos que vão estudar porque deixar as famílias é difícil, mas é o jeito.

A situação econômica e a geração de emprego no território Xakriabá é preocupante, a população cresce a cada dia mais e a chuva diminui a cada ano, a água ficando escassa, a maioria dos rios que existia antigamente hoje já secaram”. Olímpio Antonio (caderno de campo, 2019)

É preocupante a realidade vivenciada pelos jovens que nos últimos anos, migram para outras regiões do país em busca de melhores condições de vida, muitos destes jovens se tornam escravos nas usinas de cana açúcar ou colheita de café. O sonho de uma melhor condição de vida na maioria das vezes se transforma em pesadelo e sofrimento para toda a coletividade.

Esta situação interrompe um ciclo entre as comunidades e a sua relação com a terra, cultura milenar que sempre garantiu harmonia, sustentabilidade e equilíbrio entre os grupos. Fica claro que a cultura não é estática, mas compreende também que a relação com o sagrado precisa ser preservada, a espiritualidade é o principal pilar de sustentabilidade do povo Xakriabá, isso é fundamental para a continuidade dessas relações.

Ao conversar com o jovem Tiago sobre as dificuldades financeiras encontradas dentro do território, ele afirma que todo mundo sonha em ter um projeto de vida e hoje a maneira de continuar sonhando é sair em busca de trabalho, e como se fosse trabalhar hoje para garantir o pão do amanhã seguinte, Porque as condições de trabalho são muito precárias.

Ele relata que estudou somente até o quinto ano do ensino fundamental a partir daí não foi mais possível frequentar a escola em suas palavras ele complementa dizendo “Eu tinha que trabalhar e aqui a gente não acha serviço né e o jeito é sair pelo mundo mesmo para sair para trabalhar porque é o único meio de ganhar dinheiro”.

A vida é dura para um trabalhador rural no corte de cana, mas é a única saída encontrada por muitos jovens para se sustentar.

“As condições que as usinas oferecem párea os trabalhadores do corte cana não e das melhores, mas posso dizer que também não trazer um dinheirinho para o lugar da gente; lá a usina oferece alojamento, comida né, café da manhã, almoço e janta por conta da deles da usina.” Tiago Pereira (caderno de campo, 2019).

Os povos indígenas não tem o olhar capitalista de construir riqueza, mas com o passar dos anos os territórios vão se apertando devido à redução do limite do território os recursos naturais já (esgotado) pelos fazendeiros no período das invasões antes da demarcação, leva jovens, pais de família Xakriabá todos os anos a sair em busca de trabalho em outras regiões, principalmente o corte de cana, o

período das safras variam em torno de sete meses e no final do ano a maioria retorna ao território, outros preferem ficar por lá mesmo para garantir seu emprego no ano seguinte. O município pequeno não gera renda e cargos empregatícios suficientes para a permanência no território e hoje as pessoas necessitam de ter uma fonte de renda devido a todas essas transformações ao decorrer do tempo.

Atualmente, o povo Xakriabá está em processo de luta para reaver mais uma parcela do território, dentre as áreas que estão reivindicando, está o sonho de recuperar as áreas que fica às margens do Rio São Francisco, o que até então é negado, até mesmo o direito de pescar e visitar o “velho Chico” espaço sagrado dos Xakriabá e que se encontra nas mãos de fazendeiros.

4. O PRIMEIRO ENCONTRO DA JUVENTUDE XAKRIABÁ

O território Xakriabá é muito extenso e uma maneira que os mais velhos, pajés junto com os jovens encontraram para se comunicar, foi criar grupos nas comunidades onde se reúnem para conversar sobre tudo, fortalecer a cultura, passar conhecimentos, sendo também uma maneira de manter-se conectados espiritualmente com o corpo e o território. Os assuntos discutidos dentro desses grupos não podem ser revelados, a questão do segredo e o respeito sempre são preservados dentro dos grupos, para que possa se manter a história e a memória viva.

A partir de então os jovens começam a se articular sempre guiados pelos mais velhos dentro e fora do território. Os mais velhos costumam dizer que na hora de repassar conhecimentos deve se ter muito cuidado, melhor aprender para melhor ensinar.



Figura 13 - Povo Xakriabá, fonte: Edgar Kanaykõ Noite cultural aldeia Sapé (2017).

A imagem acima mostra como essa preparação e formação dos jovens vêm acontecendo através das rodas de conversas com os mais velhos, lideranças e pajés, as noites culturais como mencionei anteriormente.

Com o desdobramento da orientação acima abordada, em outubro de 2017 nos dias 17,18 e 19, aconteceu na aldeia Embaúba o Primeiro Encontro da Juventude Xakriabá, **com o tema:** Juventude Xakriabá, Identidade e Missão: Um pé na aldeia, um pé no mundo, construindo caminhos para o fortalecimento do projeto

do “Bem Viver”. Com a participação de anciãos, pajés e lideranças narrando à história e a resistência. O encontro contou com participação de pessoas de 35 aldeias e somaram mais de mil jovens, o evento teve duração de três dias debatendo sobre temas identidade, cultura, terra e território e o protagonismo da juventude indígena.

“Reafirmamos os mais velhos, caciques, lideranças e pajés como pilares de nossa identidade, nossos livros vivos”, declaram os Xakriabá no documento final. “Nosso território, e por consequência nossa identidade, são motivos de toda vida e existência”, afirma Durkwa Xakriabá. (CIMI, 2017)

O primeiro dia foi dedicado à memória contada pelos anciãos que vieram ali relatar e transmitir suas experiências de luta no processo histórico na defesa pelos Direitos do Território e a importâncias de manter a memória viva. Houve a cerimônia de abertura conduzida pelo professor de cultura, Deda, para dar boas-vindas para que todos aqueles que chegavam se sentissem acolhidos e compartilhassem em conjunto a celebração e conhecimentos.

A luta dos nossos antepassados continua com o desejo de um futuro melhor para nossas próximas gerações”, lembrou cacique Domingos Nunes, filho de Rosalino. (CIMI, 2017).

A história de luta em defesa do território é um marco na vida de todo povo Xakriabá, esses momentos de reflexão fazem ver como os povos indígenas sofrem com o genocídio, vive-se tempos de guerra psicológica pela opressão, é uma alerta para criar novas estratégias de luta.

No segundo dia, as discussões giraram em torno da terra e território como meio de sustentabilidade. Destaca-se a fala do Sr. Zé de Bem vindo da aldeia Pindaíbas, registrada no relatório do CIMI.

“A resistência dos anciãos e seus passos firmes nessa terra gestou a teimosia das juventudes”, acredita o homem de muitas histórias. (CIMI, 2017)

Experiência dos anciãos é exemplo de forças que inspiram e contribuem para que os jovens possam seguir seus passos e trilhar novos caminhos.

O terceiro e último dia foi dedicado à discussão sobre o projeto bem viver; o encontro estendeu o debate para os saberes, histórias contada oralmente, transmitidas de geração em geração, para reafirmar a identidade Durukwa afirma “Não podemos deixar que nos massacrem ao roubar nossa identidade escrita e viva em nossos livros vivos. Embaixo da árvore, ao lado da casa do meu avô, muito conhecimento se partilhou. Temos que dar continuidade ao que está mais dentro da gente”, afirmou Durkwa.

Finalizando com proposta e uma carta aberta, caciques, lideranças, juventude Xakriabá para fortalecer a luta e a continuidade do Encontro da juventude nos próximos anos.

Destaca-se a participação de Juvana Sawídí. Ela foi uma das idealizadoras do encontro, atuando a partir da experiência de estudo, quando pensou numa maneira de como estar contribuindo com essa juventude dentro do território, no sentido de trazer os jovens para estar interagindo entre os mesmos e se conhecendo. Na sua percepção, demonstrada nas entrevistas, “muitos grupos de jovens aqui no Xakriabá que talvez muitos não conheçam e a gente vai começando dialogando com cada um e isso a articulação começa assim” Juvana Sawídí (Caderno de Campo 2019).

A partir de então ela juntamente com outros jovens, começa a mobilizar outros jovens no território promovendo encontros em várias aldeias com os caciques e lideranças e jovens e colocando as propostas e o objetivo de criar um encontro para que os jovens possa se sentir à vontade para falar dos anseios e das dificuldades e também para que os mais velhos passem estar contando história da luta e resistência para incentivar a juventude.

Juvana relata como foram os primeiros passos para que o primeiro Encontro da Juventude acontecesse:

“lideranças como o povo fala a gente nunca ultrapassa o carro a diante dos bois e tudo conversado, discussão interna levantando as pautas e convida as organizações estar junto com a gente tudo e conversado com as nossas internas para estar junto com a gente tudo e conversado com as nossas lideranças como o povo fala a gente nunca ultrapassa o carro a diante dos bois e tudo conversado”, Juvana Sawídí. (Caderno de Campo, 2019).

O ensinamento dos mais velhos é de fundamental de grande importância, sendo uma referência para nortear os caminhos dos novatos e contribuem para

formação coletiva. Em conversa com Jucirema, jovem participante do encontro, ela relata alguns dos pontos mais discutidos no Encontro.

A questão cultural né, da espiritualidade o movimento dos jovens pela busca dos nossos direitos tanto dentro quanto fora da aldeia, também a luta contra a retirada dos direitos. Nesse tempo do encontro estava em pauta a PEC 215 que tirava os direitos de demarcação de terras para os povos indígenas e aí essa demarcação seria retirada da FUNAI então foi um dos temas que esteve em pauta, também o apoio às comunidades tradicionais de todas as regiões que seria os quilombolas ribeirinhos e todos os povos indígenas de toda região. Jucirema Xakriabá (Caderno de Campo, 2019).

Como participante do Encontro da Juventude destaco fortemente a participação dos caciques, lideranças e pessoas mais velhas, que são considerados reflexos de luz na luta e encoraja os jovens a enfrentar os desafios e ir à busca da garantia dos direitos e reforçando a intensa luta do povo Xakriabá para se manter no território e buscar projetos para melhoria de vida nas aldeias, e também a compreensão dos jovens de como é o mundo lá fora e se preparar para encarar as universidades e resistir ao preconceito, à discriminação, demarcando esses territórios.

Vejo que é preciso cada vez dar a voz ao protagonismo dessa juventude, também como demarcação de espaço e reafirmação de existência.



Figura 14 Jovens Xakriabá, fonte CIMI aldeia Imbaúba 2019

Juvana considera que as preparações de um quando um jovem vai falar ele sabe do que está falando, o objetivo é que futuramente a gente tenha toda essa formação da juventude Xakriabá, o fortalecimento da cultura, por exemplo, foi muito intenso o fortalecimento da nossa espiritualidade, a juventude começou a aparecer e a participar mais e a ter autonomia, ter voz, ter seu lugar de fala a se posicionar melhor quando sofre um ataque sofre uma violência; O Encontro teve como objetivo preparar o jovem para falar em público, perder a timidez, para participar das articulações e dos movimentos de luta dentro e fora do território.



Figura 15 - Desenho jovens Xakriabá usando os adereços, fonte: Tatyane Lopes - Aldeia Santa Cruz (2019).

A presença marcante dos jovens Xakriabá durante o evento atraiu a atenção de muita gente, e pela primeira vez os jovens se reuniram para discutir os assuntos que estavam incomodando e também pautas de estratégias de luta para seguir a carreira de luta e caminhar de mãos dadas, pois na luta ninguém solta à mão de ninguém.

“Conforme a revolução vem nos e também deve não modificar, mas acompanhar também esse processo de formação ele é muito importante sim e o encontro da juventude é uns dos pivores primordial onde junta toda juventude Xacriabá onde se discute pautas específicas coisas que às vezes incomoda a gente dentro do território a gente se discute política cultura identidade e isso fortalece a luta do povo e fortalece ainda a luta da juventude essa presença no movimento no fora”. Afirma Juvana Sawidí. (Caderno de Campo, 2019).

A transformação e a mudança de hábitos de vida dentro do território tem um grande impacto e a juventude percorre esse caminho de transição e passagem no processo de adaptação de vida conforme a revolução, e traz consigo vários aspectos, sobretudo nos modos de viver, com um pé na aldeia um pé no mundo.

A juventude acordou e viu que poderia ir além e poderia ocupar outros espaços isso também surgiu a partir desse como se diz... Do encontro da

juventude de desadormecer esses jovens e que eles pode ter a representatividade fora e então tipo assim tem todo esse processo histórico que deixar para traz, pois não começou no encontro da juventude começou bem antes, só tomamos responsabilidade de levar à diante. (Jucirema caderno de campo aldeia Brejo 21019)

Após a realização do primeiro Encontro da Juventude, a interação e a participação dos jovens nos movimentos tem se destacado cada dia mais, e existe a expectativa de que aconteçam outros, anualmente, na sequência do primeiro encontro da juventude.

Vale ressaltar que, pela conjuntura política que o país está vivendo, não foi possível dar sequência no Encontro da Juventude no ano seguinte. As organizações internas Xakriabá avaliaram o primeiro encontro e viram que os resultados positivos somaram-se à luta devido à visibilidade que o encontro trouxe, e decidiram que, por mais que os tempos sejam difíceis, elas acreditam no potencial e na união do povo e que somando forças os próximos encontros acontecerão.

O primeiro Encontro da Juventude Xakriabá “foi um momento histórico, onde a juventude assumiu de raiz ancestral, renascida para ser resistência”, lembra Célia (CIMI, 2017).

Seguindo as discussões com os caciques, as lideranças e a juventude Xakriabá com apoio do CIMI, já se tem uma data definida para o próximo Encontro da Juventude, que acontecerá entre os dias 16 e 18 de dezembro de 2019, na Aldeia Brejo Mata fome, a expectativa que se tem, é que esse encontro aconteça em rodízios pelas aldeias dentro do território, alternando de maneira que a cada ano o encontro aconteça em aldeias diferentes espalhadas por todo território Xakriabá.

4.1. Percepção para o segundo encontro da juventude

As expectativas eram que após a realização do segundo Encontro continuassem as pesquisas e as avaliações das mudanças de que ocorreram de 2017 a 2019, mas não foi possível devido ao falecimento de um ancião próximo à Aldeia Brejo Mata Fome conhecido como (Silú) um dos pilares de resistência Xakriabá por isso, o evento foi cancelado sem previsão de data para acontecer. O luto é um dos costumes mais marcantes do povo Xakriabá e de grande respeito.

Mas a luta continua diariamente respeitando as crenças e decisões das organizações internas e externas.

4.2. Monitoramento Comunitário do Território Xakriabá

No combate ao Covid- 19 (Corona Vírus)



Figura 16 - Jovens Xakriabá Monitoramento do Território – Fonte: Facebook Xakriabá em Foco (2020).

O Monitoramento Comunitário da Terra Indígena Xakriabá, está sendo realizados pelo próprio povo de forma coletiva, e em pequenos grupos de acordo os cronogramas de cada dia da semana. Esse sistema de Monitoramento também chamado de bloqueios foi criado em meados de março e continua por tempo indeterminado com o objetivo de controlar o fluxo de pessoas, principalmente pessoas que não convivem no Território. Foram colocados portões e cancelas em pontos estratégicos nas entradas principais de algumas aldeias, para fazer esse controle das pessoas, cada grupo responsável pelo bloqueio faz a coleta de dados com o nome, data, hora e o lugar para onde a pessoa está se deslocando, elas também são orientadas sobre os cuidados necessários para prevenção ao vírus.

Essas informações deverão servir para as equipes de saúde, caciques e lideranças para orientarem e informarem as famílias para se organizarem e se protegerem em momentos de maior intensidade de contágio, caso venha a acontecer. A participação dos jovens é intensa, as pessoas mais idosas

acompanham de forma mais distante de acordo com algumas restrições recomendadas pelas equipes de saúde. Os jovens estão organizando e divulgando as informações de como se prevenir e o que fazer nesse momento tão difícil por meios das redes sociais, da rádio comunitária e carros de som para que essas informações circulem por todo Território. Além disso, alguns itens de proteção como às máscaras estão sendo confeccionadas coletivamente pelas mulheres Xakriabá e distribuídas para as comunidades.

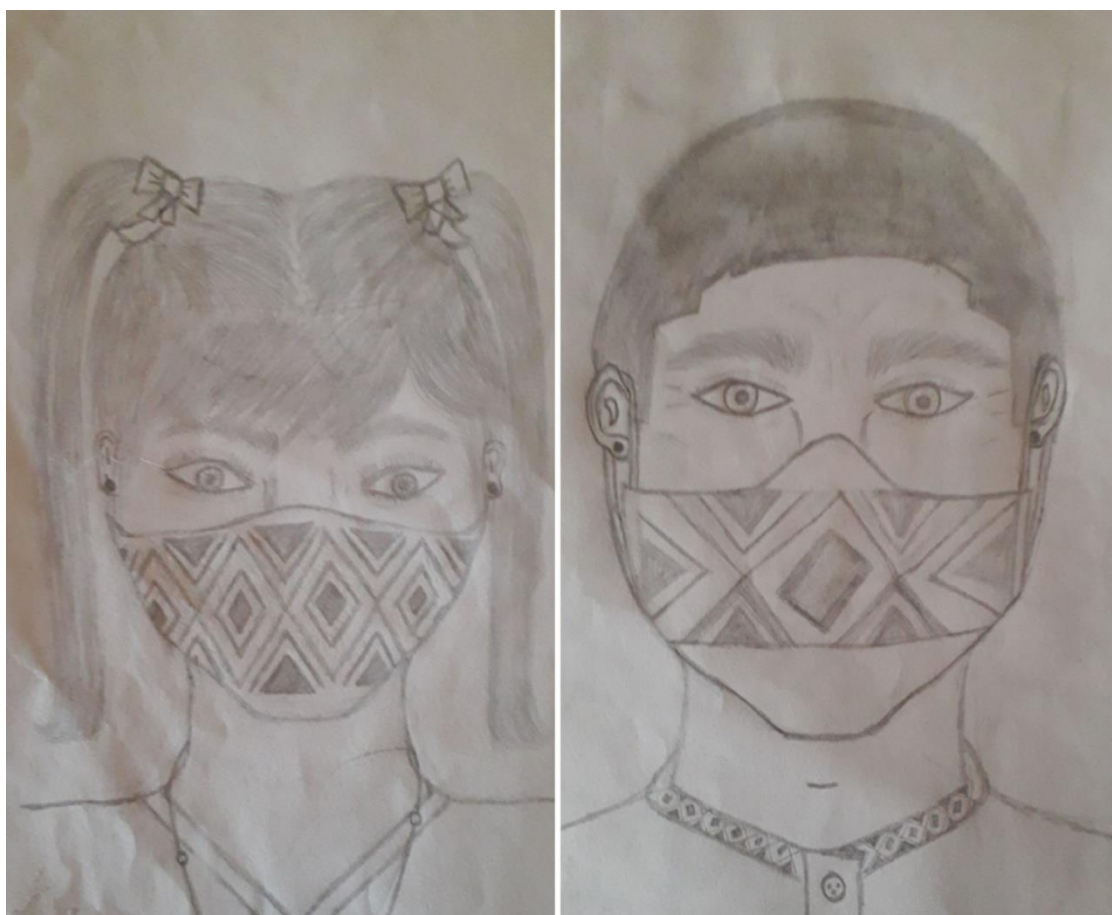


Figura 17 - Jovens fazendo o uso da máscara, fonte: Tatyane Lopes aldeia Santa Cruz (2020).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procurei fazer um trabalho que fosse coeso com a realidade do povo Xakriabá, busquei resgatar o máximo de informações possíveis sobre a categorização do jovem indígena Xakriabá. As experiências com as quais tive

contato nesse tempo de pesquisa me mostraram que é possível sim falar sobre a preparação e a luta que a juventude vem abraçando junto com as lideranças para defenderem e demarcarem seus territórios, mas é preciso coragem, sobretudo o respeito com os pilares de resistência que são grandes mestres e doutores conhecedores da luta, da história e da ciência tradicional e guardiãs da memória.

As experiências dos jovens hoje vêm se destacando na luta dentro e fora do território demarcando outros espaços nas universidades e assumindo o seu lugar de fala. A importância do papel escolas indígenas nesse processo é fundamental para que os jovens se apropriem do mundo da escrita e se preparem para os embates de luta, contra a arma mais poderosa do século, a caneta, assim vão se formando jovens conhecedores da história e da luta do seu povo e preparados para debater os seus direitos.

Espero que trabalho possa servir para fortalecer ainda mais a voz dos anciãos e encorajar e inspirar os jovens a participarem e interagirem com os movimentos e articulações dentro e fora do território e dar visibilidade a luta; Que a escola indígena seja um instrumento de continuidade na formação de guerreiros com um pé no chão da aldeia e o outro no mundo lá fora, a primeira formação acontece em casa, na luta cotidiana e a história contada pelos mais velhos, avós, tios, e pais. A escola complementa e explora os conhecimentos culturais e toda globalização.

A luta não acaba por aqui ela é contínua espero que a articulação da juventude continue florescendo somando novas estratégias de luta em defesa dos povos originários.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Maria Zenaide e DAYRELL, Juarez. **Ser alguém na vida: Um estudo sobre jovens do meio rural e seus projetos de vida.** *Educ. Pesquisa*, São Paulo, v.41, n.02, p. 375-390, abri/jun. 2015.

BANIWA, Gersem. Prefácio. In OLIVEIRA, Assis da Costa e RANGEL, Lúcia Helena (orgs). **Juventudes Indígenas: Estudos interdisciplinares, saberes interculturais. Conexões entre Brasil e México.** 1ª edição. Rio de Janeiro: E-papers, 2017.

CIMI, **Um pé na aldeia, um pé no mundo: Juventude Xakriabá segue os passos da resistência histórica do povo. Em seu 1º Encontro da Juventude, os herdeiros da luta Xakriabá unem-se à labuta de seus caciques, pajés e lideranças.** CIMI, Terra Indígena Xakriabá, Outubro de 2017.

CORRÊA, Célia Nunes. **O barro, o genipapo e o giz no fazer epistemológico de autoria Xakriabá: Reativação da memória por uma educação territorializada.** Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento Sustentável (UnB), Brasília, DF, 2018.

Dayrell¹, Juarez Tarcísio, Gomes² Nilma Lino A JUVENTUDE NO BRASIL, Belo Horizonte 2009.

EITERER, Carmem Lúcia; LUZ, Iza Rodrigues da (orgs). **Sujeitos da Educação: diversidade, direitos e participação política.** Belo Horizonte, MG, Mazza Edições, 2013.

OLIVEIRA, Assis da Costa e RANGEL, Lúcia Helena (orgs). **Juventudes Indígenas: Estudos interdisciplinares, saberes interculturais. Conexões entre Brasil e México.** 1ª edição. Rio de Janeiro: E-papers, 2017.

SILVA, Rogério Correia; GOMES, Ana Maria R.; SANTOS, Rafael Barbi Costa e. Escola, infância entre os Xakriabá: breve relato de um povo indígena recentemente escolarizado. In: Nascimento, Adir Casaro; Urquiza, Hilário Aguilera; Vieira, Magno Naglis (Orgs.). **Criança indígena: diversidade cultural, educação e representações sociais.** Brasília: Liber Livros, 2011. p. 206-227.